

A Criança que a família vê

Vera Resende CRP 06-2353

Infância é a marca de um processo através do qual o homem percorre diferentes fases de crescimento, e de maturação bio-psico-social. Refere-se ao período em que o sujeito, sob os cuidados da família, se introduz na cultura, se “humaniza”, assimila seus códigos, e se torna capaz de estabelecer relações com o outro. A maioria das crianças precisa explorar ou experimentar o que se denomina comportamento problemático, enquanto aprende os limites do comportamento aceitável. Alterações no desenvolvimento psíquico podem traduzir a ruptura no processo de inserção, promovida pela instabilidade na transmissão de códigos culturais, por parte dos adultos, e na sua assimilação, por parte da criança.

Tais questões nos alertam para o risco de acolher a incapacidade familiar, real ou imaginária, para dar conta dos conflitos impulsivos dos filhos. Somos instados a confirmar parâmetros de “normalidade”, no que se refere ao desempenho de crianças, como forma de aplacar a angústia dos pais. Quando estamos diante de alguém que é falado pelo outro (a criança), percebemos que a história contada pelo outro (pais, professores etc.), via de regra, está impregnada de seus próprios desejos e expectativas, dos quais a criança, enquanto um objeto bom ou mal, não participa e os transforma em sintomas.

Crianças são dotadas de uma capacidade intrínseca para lidar com suas próprias preocupações, mas não lhes compete lidar, com a mesma disposição, com as preocupações de seus pais. Se estes bloquearem a comunicação de modo rigoroso ou punitivo, ela recorrerá à queixa física, e poderá escolher “o ficar doente”, como uma maneira segura de obter atenção ou de lidar com o adulto inacessível.

Os conflitos psíquicos, não resolvidos, resultam das pressões internas do organismo contra as demandas do ambiente. Dominam a vida mental desde os primeiros estágios do desenvolvimento, repercutem na vida ativa do ser humano, quase sempre de modo doloroso. Eles submergem, ao invés de se desfazerem, quando são frustradas as tentativas para bloqueá-lo. Mantém-se em um nível profundo da vida mental inconsciente, mesmo quando sua

manifestação explícita é negada. Alguns dos conflitos têm origem na qualidade das relações entre o adulto e a criança, outros surgem por conta da etapa do desenvolvimento, em que ela se encontra, ambos tendem a desaparecer, caso não sejam demasiadamente valorizados. Independentemente da natureza do conflito, conhecer sua origem e as circunstâncias de seu aparecimento, compreender os sentimentos que o envolvem, são atitudes que podem não impedir seu aparecimento, mas, certamente atenuarão seu impacto.

Além dessas considerações, o terapeuta precisa levar em conta os conflitos específicos do adulto que, ao entrar em contato com a criança, tem nova oportunidade de reviver sua própria infância, e evocar questões que ele próprio não resolveu no passado. O medo dos afetos ambivalentes - falo do amor e do ódio se alternando - e o desejo de só ter bons momentos com os filhos, pode levar os pais a abdicarem de seu papel na esperança de só se apresentarem como amigos e companheiros mais velhos.

É possível pensar ações preventivas, sistematizar e controlar fatores e condições, teoricamente, favoráveis ao aparecimento de tais distúrbios, supondo que estas respondem por um conjunto de normas e de regras? Sabemos não ser possível, nem necessário, controlar as ações humanas o tempo todo. Os pais interagem de modo espontâneo e é assim que tem de ser. A ideia de prevenção, aqui, pode contemplar todas as ações que impliquem na remoção de obstáculos ao crescimento, porque qualquer intervenção na infância com objetivos terapêuticos, educativos ou pedagógicos, pode se transformar em medida preventiva. Certamente o ambiente suficientemente bom, que acolhe e oferece “holding” postulado por Winnicott, necessário para que a criança se sinta segura, pode estabelecer condições mais favoráveis ao desenvolvimento saudável.

Daí a importância de distinguir distúrbios evolutivos, que se superam em cada fase através do desenvolvimento, e distúrbios patológicos, cuja principal característica é a permanência por mais de uma etapa do desenvolvimento e, portanto, requisitam o início de uma psicoterapia.

Vera Resende

Instituto Legus 2021